

# Identidade heroica e identidade da multidão na *Ilíada*

*Heroic identity and multitude identity in the "Iliad"*

Gustavo Junqueira Duarte Oliveira\*

**Resumo:** Na *Ilíada*, a multidão exerce um papel fundamental para a construção da trama. Ela ajuda a ambientar a epopeia em um cenário de guerra épica, além de ser necessária na própria definição daqueles que são as figuras centrais do poema: os heróis. Nesse sentido, procurou-se discutir justamente a função da multidão, massa, ou coletividade, em um poema em que o enfoque recai em outro elemento. Para tal, foi preciso estabelecer a forma com que ela garante que o herói seja mostrado de maneira épica. Utilizando o conceito de identidades, este artigo procura definir a maneira como estes dois elementos interagem na *Ilíada*. Conclui-se que a multidão ambienta e define a ação do herói, sendo um elemento essencial para a compreensão do poema homérico.

**Abstract:** In the *Iliad*, the crowd plays a fundamental role in the construction of the poem. It helps to set the story in an epic war stage, besides being necessary to define the poem's key figures: the heroes. A discussion of the function of the crowd, mass, mob or collectivity is presented, regarding a poem in which the main focus lays in another element. It was necessary to present the manner in which the crowd ensures that the hero is portrayed in an epic fashion. Using the concept of identities, this paper intends to define the manner which these two elements interact in the *Iliad*. The conclusion is that the crowd sets the stage and defines the hero's actions, being an essential element to the understanding of the Homeric poem.

**Palavras-chave:**

*Ilíada*,  
História das Multidões;  
Identidades;  
Sociedade Homérica.

**Palavras-chave:**

*Iliad*,  
History of Multitude;  
Identities;  
Homeric Society.

---

Recebido em: 13/10/2013  
Aprovado em: 07/12/2013

---

\* Mestre em História (2010) e doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo sob a orientação do Prof. Dr. Norberto Guarinello. Bolsista Fapesp.

O que diferencia o herói da multidão nos contextos guerreiros da *Ilíada*? Esta é a pergunta que direcionará as discussões a serem desenvolvidas nesse artigo. No interior do poema, um conjunto de estratégias é utilizado para traçar fronteiras distintas, ou ainda, identitárias, entre os dois pólos estabelecidos. Seja por meio de práticas discursivas, nas quais o papel do herói não só é definido, mas diretamente contraposto ao da multidão, seja no interior das próprias descrições que diferenciam os dois tipos de ação, heroica e coletiva, o presente objeto é colocado como problema. A discussão nesse artigo será centrada nas descrições das ações, uma vez que as práticas discursivas foram analisadas em outra oportunidade.<sup>1</sup>

### **O conceito de Identidade**

O problema será abordado sendo utilizado o conceito de identidade como guia. Por isso, algumas considerações iniciais devem ser apresentadas. Para trabalhar com o problema das identidades no texto homérico, alguns pontos de partida foram tomados. Em primeiro lugar, é importante esclarecer a maneira como esse problema é encarado. Não se entende identidade neste trabalho como formas essenciais de identificação, seja a partir de critérios biológicos, seja atribuindo à cultura uma noção próxima à de uma segunda natureza, recebida como herança da qual não é possível escapar. A identidade não é um dado que categoriza o indivíduo a partir do grupo original com o qual ele é vinculado. Tais concepções objetivistas, que definem a identidade segundo critérios determinantes considerados objetivos (CUCHE, 2002, p. 178-180), não serão as adotadas aqui. Tampouco será adotada, vale ressaltar, uma postura puramente subjetivista. Não se considerará a identidade como um problema de simples escolha individual e arbitrária, um sentimento de vinculação ou uma identificação a uma coletividade imaginária, sempre em fluxo.

Segundo Cuche (2002, p. 176), cultura depende em grande parte de processos inconscientes, enquanto identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social, permitindo que o

---

<sup>1</sup> Cf. Oliveira (2010a).

indivíduo se localize e seja localizado socialmente. Tal identidade social inclui e exclui, identifica um grupo e o distingue de outros (CUCHE, 2002, p. 177). Toda prática de significação e identificação envolve relações de poder que definem tais inclusões e exclusões (WOODWARD, 2000, p. 18).

A construção e a manutenção de identidades acontecem em meio a um conjunto de relações que opõem grupos em contato. As identidades são atribuídas pelos próprios atores em função de sua situação relacional, sendo construídas e reconstruídas no interior de trocas sociais. Não se trata puramente, portanto, de uma identidade em si, uma concepção essencialista e objetivista, nem unicamente para si, em uma concepção subjetivista. Para Hall, as identificações são construídas por bases solidárias, a partir do reconhecimento de características comuns que fecham um grupo (HALL, 2000, p. 106). Mas o processo não para por aí. Uma identidade existe em relação à outra, sendo, portanto, sempre acompanhada da diferenciação (CUCHE, 2002, p. 183). Cada definição de identidade implica uma cadeia de negações, de diferenças. Identidade e diferença são mutuamente determinadas (SILVA, 2000, p. 75-76). A identidade depende de algo fora dela, portanto, outra identidade, que fornece as condições para que ela exista (WOODWARD, 2000, p. 9).

Colocado em outras palavras, o conceito trabalhado considera a identidade como uma concessão, uma negociação entre uma auto-identidade definida por si mesma e uma hetero-identidade definida pelos outros. A força de uma sobre a outra depende da situação relacional, da relação de forças, simbólica ou não, entre os grupos de contato. Nem todos os grupos têm o mesmo poder de se nomear, e de nomear outros, sendo a identidade o que está em jogo nas lutas sociais (CUCHE, 2002, p. 183-186). Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais podem os indivíduos falar (WOODWARD, 2000, p. 17). No entanto, vale apontar, condições e estruturas sociais e culturais pré-existentes também se fazem presentes nesse jogo.

Mesmo sendo, as identidades, produzidas por discurso, essa produção ocorre em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas institucionais específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2000, p. 109). O sujeito sempre fala a partir dessa posição histórica e cultural particular. As definições discursivas, linguísticas e simbólicas estão sujeitas a vetores de força, a relações de poder, não sendo somente definidas, mas impostas e disputadas. Nessa disputa pela identidade,

fica evidente um embate mais amplo por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade (SILVA, 2000, p. 81).

Os modos de identificação são variáveis e dependem de contextos. São de dois tipos, uma identidade reivindicada para si e uma atribuída pelos outros, que podem ser tanto harmônicas como conflitantes. A relação entre as duas formas é o que está no fundamento da noção de formas identitárias (DUBAR, 2008, p. 14).

O objetivo deste artigo é discutir as figuras dos heróis e da multidão na *Ilíada* tendo em vista tais conceitos. O contraponto do herói com a multidão pode ser pensado nos seguintes termos: em relação a quem o herói se destaca? Segundo Finley (1991, p. 53), uma linha separa os melhores homens de uma multidão indefinida. As definições no seu interior estariam borradas, porque o que realmente importa é a divisão principal, diante dos heróis.

Nesta multidão estão presentes tanto a multidão quanto os piores homens. A primeira definição diz respeito à coletividade, a segunda ao indivíduo que a forma. Nesse sentido a disputa por destaque não é somente uma necessidade de se definir o *status* no interior do grupo heroico.<sup>2</sup> Busca-se, além disso, definir quem faz e quem não faz parte do grupo, a partir de determinados critérios.

Segundo o ponto de vista da análise da ação, a multidão será essencial para a compreensão da disputa identitária lida no poema. Pretende-se, portanto, apresentar a ideia de que, a despeito do protagonismo do herói, tais personagens não existem sem um grupo contra o qual se contrapõem e até mesmo se definem.

### **A definição das identidades pelas ações heroicas**

Para abordar a questão, não seria o caso de concentrar a análise sobre as passagens em que o herói aparece simplesmente em posição de destaque, mesmo quando se trata do destaque em confronto contra uma coletividade inimiga. Esses casos servem para salientar que, quando se trata do estabelecimento da identidade heroica na guerra, existe mais de um tipo de coletividade importante: aquela da qual o herói provem; aquela contra a qual o herói pode se confrontar; aquela com a qual o herói se junta para o combate destacado. A análise se concentrará, não nos momentos de destaque em si,

---

<sup>2</sup> Para uma discussão acerca dos valores competitivos cf. Adkins (1975). Para uma posição contraposta a essa ver Finkelberg (1998).

mas na relação estabelecida entre essas coletividades e os melhores homens, como aspecto da fundamentação da identidade heroica.

Vale registrar que são vários os recursos utilizados no poema para ressaltar a primazia do herói: seja através de uma estratégia narrativa que alterna descrições coletivas aos feitos dos principais guerreiros; seja na participação protagonista desses mesmos personagens, contra outros de importância semelhante; seja no embate deles contra multidões de combatentes organizados em formações densas de combate.<sup>3</sup> Reconhece-se o recurso, mas ele não será, nesse momento, o foco de nosso estudo.

O terceiro canto da *Ilíada* (III, 15-20) é aberto com um incidente de muito interesse para a presente análise: Páris sai da coletividade de modo a possibilitar seu destaque pessoal:

Ora quando estavam já perto, aproximando-se uns dos outros,  
dentre os Troianos saiu para o combate o divino Alexandre.  
Aos ombros trazia uma pele de leopardo, o arco recurvo  
e a espada; e brandindo duas lanças de brônzea ponta,  
desafiou todos os melhores guerreiros dos Argivos  
a com ele lutar corpo a corpo em tremendo combate.<sup>4</sup>

O herói, para ser considerado um dos melhores, precisa sair da coletividade de seus aliados. Para manter a identidade heroica, deve se colocar à parte do corpo coletivo e realizar grandes feitos.

No momento em que se encontra separado da massa dos aliados, algo mais pode ser constatado: “Dele se apercebeu Menelau dilecto de Ares / quando avançava com largos passos à frente da hoste” (*Ilias*, III, 21-22). Fica evidente na cena o espaço onde Páris foi percebido, à frente da hoste, destacado dela. Diante disso Menelau avança, saltando de seu carro para enfrentar o príncipe troiano.

Da mesma forma que a saída da coletividade aliada marca o início do destaque, o retorno marca o seu fim:

Mas quando Alexandre de aspecto divino o viu aparecer  
à frente dos combatentes, sentiu o coração atingido;

<sup>3</sup> Várias são, por exemplo, as menções a heróis desbaratando falanges inteiras, com a recorrência de passagens que expressam uma mesma ideia central, utilizando tanto *φάλαγξ* (V, 93, 96; VI, 6; VII, 141; VIII, 279; XI, 503; XIII, 718; XVII, 285) quanto *στίξ* (V, 166, 746; VIII, 390; XIII, 680).

<sup>4</sup> As passagens da *Ilíada* serão indicadas segundo o modelo: os cantos em numerais romanos e os versos em numerais arábicos. As traduções são de Frederico Lourenço (2005).

e logo se imiscuiu no meio do seu povo, receoso da morte.  
[...] se misturou na multidão de orgulhosos troianos o divino Alexandre, com medo do filho de Atreu (*Il.*, III, 30-37).

O lugar do destaque, portanto, ficou bem estabelecido. Tanto na saída como no retorno, ele é associado ao espaço à frente da multidão ou hoste. O mesmo pode ser observado na própria posição onde Páris viu Menelau, à frente dos combatentes.

### **Fronteiras identitárias**

O que está em questão, portanto, é o que marca as fronteiras entre as identidades. Um autor que muito colabora para essa discussão é Barth. Embora seu enfoque seja antropológico e voltado para a análise de identidades étnicas, algumas considerações do autor foram selecionadas justamente por serem relevantes para o estudo de outros tipos de identidade. Seu foco se desloca da constituição interna de um grupo para as fronteiras e a manutenção dessas fronteiras (BARTH, 1998, p. 189). Tais considerações podem ser aplicadas, com poucas modificações, para o estudo das identidades em geral. As fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. As distinções não dependem da ausência de mobilidade, nem da ausência de interações entre grupos (BARTH, 1998, p. 188). Aplicada de maneira a abranger outras formas de identificação que não as étnicas privilegiadas pelo autor, a questão colocada por Barth fica ainda mais interessante. O foco também aqui pode ser deslocado das características internas de um grupo que constrói e mantém uma identidade específica para as características das fronteiras que mantêm um grupo separado do outro, bem como a manutenção dessas fronteiras.

### **Fronteiras entre herói e multidão**

As marcas da saída do herói do interior de uma coletividade, aquilo que dá início aos feitos individuais que trazem glória, não são de todo incomuns, bem como não são incomuns a volta a ela, com o fim da ação destacada. A existência dessas passagens na *Ilíada* indica uma oposição que funciona como definição identitária entre herói e multidão. Além disso, aponta para as fronteiras que podem ser, elas mesmas, o enfoque

dado à análise, não sendo necessário basear puramente nas distinções e características específicas dos grupos distintos.

Os momentos de saída do herói, que indicam as fronteiras, podem ser observados na simples menção a sua separação dos outros (*Il.*, V, 12; XII, 141-153). Aparece também ao se estabelecerem as posições dos exércitos e no lançamento de um herói de lá para o meio, no ímpeto do grande guerreiro de combater à frente de todos (*Il.*, XI, 90-92, 214-217). Por fim, podem ser lidos na menção explícita – como acontece com Heitor – de que o herói não permanecia entre a turba, mas realizava grandes feitos (*Il.*, XV, 688-695).

A saída em si do corpo coletivo, no entanto, não precisa ser ressaltada. Para estabelecer a posição do herói, outros recursos podem ser utilizados. Entre eles a descrição dos grandes guerreiros, percebidos por outros ao realizarem seus feitos (*Il.*, III, 197-198, 226-227; V, 166-168; XI, 343-344; XIII, 560). Pode-se citar o próprio Páris sendo notado por Menelau na passagem acima apresentada. Além desse recurso, existe o estabelecimento, em inúmeras cenas, de uma descrição que marca o corpo coletivo, com o herói já à sua frente, ou em posição de evidência. Príamo, em duas relevantes passagens, percebe, dos muros de Tróia, dois heróis, destacados dos demais. Sobre Odisseu, afirma: “assemelho-o a um carneiro lanzado movendo-se / no meio de um grande rebanho de ovelhas brancas” (*Il.*, III, 197-198). Acerca de Ajax, pergunta: “Quem é este outro homem aqueu, alto e forte, / que pela cabeça e largos ombros sobressai entre os argivos?” (*Il.*, III, 226-227). Tais trechos enfatizam o grande homem separado da coletividade.

### **Os heróis na dianteira e a coletividade opositora: um espaço para o destaque**

Ao se por à parte da coletividade dos aliados, o herói pode se misturar com outra, sem que isso seja considerado um recuo. Pelo contrário, a nova coletividade é marcada pela posição de avanço, seja porque é compartilhada por outros que lutam na dianteira, seja porque põe o grande guerreiro em confronto contra muitos homens. O filho de Nestor é descrito da seguinte maneira, em determinada cena: “É que dos inimigos não se afastava Antíloco, mas andava / no meio deles; [...]” (*Il.*, XIII, 556-557). A coletividade opositora, estabelecida no caso da citação pelo termo “inimigos”, pode em outros casos ser associada a outras ideias. A identificação dos inimigos como aqueus ou troianos também atinge um mesmo objetivo. De uma maneira ou de outra, aparecem em uma infinidade de cenas.

Um termo muito utilizado, que representa a fileira dos dianteiros, os *προμάχοι* (*Il.*, III, 31; IV, 253, 354, 458, 495, 505; V, 134, 250, 562, 566, 681; VIII, 99, XI, 188, 203, 342, 358, 744; XIII, 291, 642, 760; XV, 342, 457, 522, 573; XVI, 582; XVII, 3, 87, 124, 281, 316, 342, 590, 592; XVIII, 456; XIX, 414; XX, 111, 412), indica o espaço generalizado para o destaque, pois dá a noção da mistura tanto de aliados quanto de inimigos. É a linha de frente da batalha, a parte dianteira dos combates. Além desse, os próprios termos que indicam multidão ou coletividade podem funcionar como substitutos para o local onde a batalha acontece, assim como aqueles que identificam formações de batalha,<sup>5</sup> atribuindo a essas aglomerações uma identidade diferente. Para os termos que indicam multidão ou alguma outra forma de coletividade, *ὄμιλος* é o mais comum (*Il.*, IV, 302, 490, 516; V, 334, 353, 445; VI, 226; VIII, 269; XI, 147, 324, 460, 469, 487, 537, 546; XII, 49, 191, 206, 467; XIII, 204, 307, 332, 338, 498, 560; XIV, 21; XV, 299, 616, 623; XVI, 729; XVII, 149, 293, 365, 462, 471, 532; XIX, 402; XX, 47, 76, 173), mas *κλόνος* (V, 167; XVI, 331, 713, 729, 789; XX, 319; XXI, 422) e *πληθύς* (XI, 305, 360) também podem ser detectados exercendo essa função. Um trecho muito relevante demonstra bem a questão, já anunciando o próximo tema de discussão: Odisseu recua, sendo salvo de um grupo de troianos por Ájax e Menelau. O Atrida leva seu amigo “para fora da multidão” (*Il.*, XI, 473-488). O local onde Odisseu estava lutando é reconhecido como tal, uma multidão (*ὄμιλος*).

### **O fim do destaque heroico e o retorno para a multidão nos combates**

Mais abundantes que as marcas do herói saindo para o destaque no combate são as marcas do retorno, do fim da ação heroica. No caso da passagem inicialmente citada, em que Páris recua diante de Menelau, são duas as referências a este retorno: primeiramente, Alexandre se imiscui no meio de seu povo, com o intuito de escapar da morte, *ἄψ δ' ἐτάρων εἰς ἔθνος ἐχάζετο κῆρ' ἀλεείνων* (*Il.*, III, 32); em um segundo momento, a marca do retorno é estabelecida com a mistura na multidão, *ὡς αὖτις καθ' ὄμιλον ἔδου Τρώων ἀγερώχων* (*Il.*, III, 36). O termo utilizado pode variar, seja em função da métrica, seja por outro motivo. Entretanto, a ideia central que opõe o herói

---

<sup>5</sup> Cf. a nota 4.



a uma coletividade é mantida. Essa coletividade pode ser o povo reunido, o *ἔθνος* da primeira passagem,<sup>6</sup> ou uma multidão, o *ὄμιλος* da segunda ocorrência.

O recuo do grande guerreiro para uma multidão, seja por medo, seja em função de um ferimento, pode ser identificado por inúmeros termos. Como coletivo, argivos, aqueus, dânaos, troianos ou dardânios exercem esse fim, bem como os termos *ἑταῖρος*, *ἰωχμός*, *κλόνος*, *λαός*, *ὄμιλος*, *πληθύς*, *στίξ*, isoladamente. O próprio recuo em direção às naus ou à cidade pode funcionar de maneira semelhante.

Algumas fórmulas também salientam essa ideia, como o fim de verso *μίκτο δ' ὀμίλῳ*, utilizada em duas ocorrências (*Il.*, XI, 354; XVI, 813). A já citada fórmula, relacionada então a Páris, *ἄψ δ' ἐτάρων εἰς ἔθνος ἐχάζετο κῆρ' ἀλεείνων*, aparece em seis outras ocasiões, ocupando um verso inteiro (*Il.*, XI, 585; XIII, 566, 596, 648; XIV, 408, XVI, 817), e mais duas de maneira incompleta (*Il.*, XIII, 164, 533). Já *ἔθνος ἑταίρων* aparece compondo mais de uma fórmula. Por cinco vezes participa da indicação de um retorno do destaque para o grupo dos companheiros (*Il.*, VII, 115; XI, 595; XV, 591; XVII, 114, 581).

Os heróis, a despeito do discurso que adotam,<sup>7</sup> muitas vezes precisam fugir ou recuar. Esse recurso pode ocorrer sem que a volta à multidão seja salientada. No entanto, em geral, a fuga não é só encarada como vergonhosa. Ela pode, também, prenunciar a desgraça. A fuga pode implicar a morte de um personagem, com uma lança recebida pelas costas. Dezenas são descritos morrendo dessa forma.

O recuo também pode ocorrer no simples fim da ação heroica, sem que seja necessariamente uma fuga. No final do duelo entre Ajax e Heitor, por exemplo, cada um dos combatentes retorna para a sua coletividade, Ajax para o *λαός* e Heitor para o *ὄμαδος* (*Il.*, VII, 306-307). A passagem ressalta também a intercambialidade dos termos que designam a coletividade de retorno. Ambos realizam a mesma função, algo que será mais explorado a seguir.

De qualquer maneira, as fugas ou recuos dos heróis podem ocorrer diante do augúrio de um deus, diante do próprio deus, diante de uma coletividade ou diante de outro grande guerreiro. Não se argumentará que tais homens não fogem ou não recuam na *Ilíada*. O que se argumentará é que tais atitudes podem trazer consequências para a

---

<sup>6</sup> Esse termo não carrega somente uma noção abstrata de povo, ou etnia. Em Homero pode referir-se a um bando reunido (CUNLIFFE, 1988, p. 106), mais ou menos permanente, composto por homens de mesma origem.

<sup>7</sup> Cf. Oliveira (2010a, p. 62-63 e 67).

construção de identidades e para o estabelecimento das fronteiras entre elas. Mesmo que por vezes os heróis cogitem, aconselhem, ou mesmo se voltem para a fuga, ela nunca é exaltada, sendo, por vezes, motivo de escárnio. Ao se deparar com Ájax, para um duelo individual, Heitor teme, mas não pode recuar. O motivo é descrito na passagem a ser citada. Ela estabelece a atitude do herói em relação à fuga e também enfatiza muito bem toda a questão do retorno à coletividade em si: “Mas de forma alguma podia virar costas ou refugiar-se / entre a turba das hostes, pois é ele quem desafiara em combate.” (*Il.*, VII, 217-218).

### **As múltiplas identidades: os heróis**

De maneira geral, tanto no ato de separar-se de um corpo coletivo, quanto na volta a ele, fica constatada a utilização das oposições no jogo de definições identitárias. No símile que se segue, a questão é colocada:

Entre os dianteiros levava Heitor o seu escudo bem equilibrado.  
Tal como das nuvens refulge um astro de mau agoiro,  
todo cintilante, e depois desaparece atrás das nuvens sombrias –  
assim Heitor aparecia entre os dianteiros a dar ordens,  
e depois entre os da retaguarda; e todo vestido de bronze  
brilhava como o relâmpago de Zeus detentor da égide  
(*Il.*, XI, 61-66).

No símile, Heitor é identificado como uma estrela que brilha através das nuvens, quando está em posição de destaque, entre os dianteiros. O astro desaparece por detrás das mesmas nuvens quando a comparação é feita com a posição de Heitor na retaguarda, o lugar da multidão de aliados. A associação da multidão com a imagem das nuvens não é incomum.<sup>8</sup> No entanto, a imagem do herói como uma estrela que brilha através das nuvens, ao colocar-se na frente da batalha e que desaparece no meio delas quando do fim de seu destaque, indica justamente a posição do grande guerreiro em batalha. Ressalta a especificidade da ação heroica, estabelecendo-a como excepcional, e mostra a relação de tais figuras com a massa indistinta. Mostra também que o herói desaparece ao se imiscuir com a coletividade.

---

<sup>8</sup> Cf. Oliveira (2009, p. 21-22).

O herói espera, contudo, para exercer o destaque, pelas honras que o diferenciam. Aqueles que conquistam grandes feitos, mas não são honrados, acabam por se afastarem das lutas. É o caso de Aquiles, que privado de suas presas de guerra, não luta, ou de Enéas, que quando procurado por Deífobo em determinado momento, é da seguinte maneira descrito: “Encontrou-o em pé lá para o fim / da multidão; pois sempre contra Príamo divino estava zangado, / porque apesar de tão valente entre os homens Príamo não o honrava.” (*Il.*, XIII, 459-461).

A falta de recebimento de honras faz com que o destaque não seja buscado. Além disso, a posição do “não-destaque” fica bem marcada na passagem citada: é o fim da multidão.

O protagonismo do herói, o momento no qual ele brilha, ocorre quando a coletividade é deixada de lado. No meio da multidão aliada, o grande homem não pode realizar-se como tal, pois precisa do destaque para manter a identidade heroica. Nessa coletividade não existem heróis, até que eles se separem dela. E no momento em que retornam para a massa, deixam de ser heróis, justamente por não poderem mais diferenciar-se. Nela não existe individualidade. Quando o recuo se dá por meio da mistura com o coletivo, o herói abraça outra identidade. Ele se torna componente indistinto desse corpo único. Suas glórias, conquistas, honras e bens materiais não fazem mais sentido, até que ele possa ser novamente identificado e destacado, até que ele possa agir de acordo com o que é dele esperado.

A identidade heroica é perpassada por vários elementos, sendo construída, portanto, em vários níveis: primeiramente, existe uma estrutura pré-estabelecida, pois de um grupo específico se espera que os heróis sejam oriundos;<sup>9</sup> em segundo lugar, existe uma auto-identificação, uma maneira de se manterem discursivamente como membros de um grupo identitário, classificando-se geralmente como “os melhores”; por fim, também são praticadas determinadas ações, pelas quais a manutenção da identidade de fato se dá, e que dão abertura tanto para entrada no grupo, como para a saída dele.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Existem exceções, como, por exemplo, Belerofonte. O estatuto do *θεράπων*, também funciona como exceção: são figuras associadas ao *οἶκος* de grandes heróis, mas que também realizam grandes feitos, tal como Meríones, Esténelo e Pátroclo. Para uma breve discussão do estatuto pouco definido do termo, cf. Finley (1991, p. 104). Cf. também Stagakis, que apresenta uma definição que implica uma ideia de relação recíproca (STAGAKIS, 1966). Ascendência nobre tampouco garante superioridade (DONLAN, 1999, p. 16), apesar de poder garantir posição social, como as figuras de Menelau e Páris demonstram.

<sup>10</sup> Segundo Donlan (1999, p. 5), o valor sempre é medido pelo momento, pela ação presente. Isso explicaria a necessidade de justificação constante da posição social do herói, por meio de ações.

Associada a tais elementos está a maneira como os demais classificam esses personagens, em função de sua posição inicial, de seus discursos e suas ações. Todos os elementos listados têm lugar no jogo das negociações identitárias.

### **As múltiplas identidades: a multidão**

No que concerne à identidade da multidão, no outro extremo da análise, é interessante notar que a ela pode-se aludir a qualquer momento, quando se mencionam suas características ou quando ela de fato se apresenta. Mas só se pode fazer verdadeiramente parte dela nos momentos de reunião de um grande número de pessoas. As multidões não são ajuntamentos abstratos, como um povo, mas um grupo de contato direto, ocupando um espaço como corpo único (RUDÉ, 1991, p.1). Para ser integrante da multidão, para fazer parte de sua existência mantendo as expectativas identificadoras, ela deve estar presente. Uma vez garantida essa condição, a participação está aberta a todos, a partir do momento descrito como descarga, em que as características individuais são deixadas de lado (CANETTI, 1995, p. 16).

No caso do herói que se junta à multidão da retaguarda na *Ilíada*, o que ele deixa de lado, pelo tempo que estiver associado a ela, é sua identidade anterior. Ele abandona suas glórias, feitos passados e honras conquistadas, até que se exponha de novo e se destaque. Quando isso acontece, reconquista seu nome, e garante a manutenção de sua identidade heroica, enquanto conseguir manter-se destacado.

Além disso, nem toda coletividade tem o efeito de anular a identidade heroica. Quando se trata do contraponto aos grandes guerreiros, funciona inclusive como forma de mantê-la. Também a multidão pode apresentar múltiplas identidades.

Por fim, é preciso mencionar as tentativas de estabelecer uma identidade heroica para a multidão. Esses são os casos mais curiosos, como as filas dos dianteiros, ou a multidão de heróis. Neles, as fronteiras tornam-se mais fluidas e os termos das negociações e disputas identitárias mostram-se menos explícitos.

Um episódio muito curioso apresenta esse aspecto. Toante faz uma sugestão para enfrentar o avanço troiano, liderado por Heitor e Apolo:

Ordenemos a turba (*πληθύς*) que regresse para as naus.  
Porém nós, que nos declaramos os mais valentes  
do exército, tomemos as nossas posições e enfrentemo-lo,

brandindo as lanças. Creio que, apesar de tão ávido,  
no coração receará lançar-se contra a chusma (*ὄμιλος*) dos dânaos  
(*Il.*, XV, 295-299).

O discurso de Toante começa por apresentar a oposição básica entre a multidão e aqueles que são os melhores, incluindo um exemplo muito claro da autodefinição como elemento de estabelecimento da identidade. A multidão deve recuar. Aqueles que se consideram os melhores devem permanecer.

O que é interessante notar é o estabelecimento de uma segunda coletividade, a qual Heitor poderia ter receio de enfrentar, por ser formada somente por heróis. Neste momento, poder-se-ia argumentar que os termos usados no português falham. Até então, ambas as palavras apresentadas pelo texto em grego foram traduzidas livremente por multidão, chusma ou turba. No entanto, sem querer impor uma noção de que se trata de sinônimos absolutos, não são detectadas diferenças significativas de utilização, que não as métricas. Ambas podem referir-se a multidões: *ὄμιλος* dá uma ênfase maior ao aspecto da reunião; *πληθύς* enfatiza o preenchimento do espaço. Funcionam igualmente, deve-se reiterar, quando utilizadas em oposição com as figuras heroicas, nos moldes já discutidos. A mesma variação de termos ocorre em um encontro entre Aquiles e Enéas, em que o Pelida sugere a fuga ao herói troiano (*Il.*, XX, 178-198). São peças intercambiáveis de um mesmo jogo de oposições.

Dando continuidade à cena em análise, as ordens dadas por Toante são obedecidas. Alguns dos que vão ficar são descritos, e outros, mais *ἄριστοι*, são chamados, (*Il.*, XV, 300-304). A multidão, *πληθύς*, segue para as naus (*Il.*, XV, 305). Contudo, a partir dessa última distinção entre os dois grupos, a multidão de heróis passa a agir de maneira semelhante à da multidão que regularmente recua. Se inicialmente resistem cerrados (*Il.*, XV, 312), no entanto, diante do medo produzido por Apolo, fogem em alvoroço, tal como uma manada de bois diante de duas feras. No símile apresentado, que se refere aos aqueus como rebanho e a Heitor e Apolo como as feras, a fuga da multidão de heróis diante de Heitor não apresenta nenhuma diferença para uma fuga de outra multidão, a que é tradicionalmente descrita como permanecendo na retaguarda.

Para participar de qualquer uma das duas, seus integrantes passam pelo mesmo processo de descarga, que os livra das cargas pessoais e os faz agir como massa – utilizando os termos de Canetti (1995, p. 16). A fuga da multidão formada pelos melhores

dos aqueus é tão desordenada quanto as fugas de multidões normais:<sup>11</sup> “[...] os Aqueus atiravam-se / para a vala escavada, contra as fileiras de estacas, fugindo / nesta e naquela direcção, recorrendo à muralha pela necessidade” (*Il.*, XV, 343-345).

Mesmo sendo formada pelos melhores homens, a multidão tem formas próprias de ação. Nesse sentido, não importa quem são os integrantes que a formam, mas sim quem faz parte dela e quem consegue se destacar.

Nenhuma identidade é monolítica. Segundo Cuche (2002, p. 192-195), nenhum grupo ou indivíduo está preso a uma identidade unidimensional, mas a uma pluralidade de referências identificatórias. O autor chega a fazer uma analogia com uma boneca russa, uma multiplicidade com unidade. Fica evidente um caráter flutuante, mas mediado por relações sociais que orientam e determinam a força e a direção dessas flutuações. São identidades diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais sentidos são dados às posições particulares (WOODWARD, 2000, p. 33). Todavia, esse câmbio depende das posições ocupadas pelos agentes, as quais, por sua vez, dependem dos contextos específicos que podem orientar a ocupação dessas posições. As situações relacionais tampouco são estáveis, estando também sujeitas à mudança.

A multiplicidade de relações possíveis entre heróis e multidão não é de causar estranhezas. Especialmente se tais relações forem lidas sob a luz de um objetivo literário básico, presente no texto homérico: funcionam com o intuito de exaltar, destacar, ou ainda, ressaltar a figura heroica. Tal empresa, caracteriza-se como um fato digno de nota para o historiador.

Como dito, podem existir múltiplas identidades para as coletividades. Entre as analisadas, uma funciona como local de saída do herói, de onde ele se separa de seus aliados. Outra reúne os demais guerreiros que se colocam na mesma posição de destaque. A última é a coletividade inimiga, que se contrapõe ao grande guerreiro. São relações diversas, mas que apresentam, sob este enfoque, um mesmo resultado.

---

<sup>11</sup> Cf. Oliveira (2010b, p. 10-12).

### O conceito de Identidade para o estudo da *Ilíada*

De maneira geral, os processos identificados foram lidos como lutas, disputas e negociações classificatórias, em que os indivíduos e grupos utilizam estratégias de identidade e de identificação como meio para atingir objetivos. Estratégia não implica liberdade total de definição de identidades, pois são utilizadas em situações sociais nas quais a relação de forças e as manobras dos outros devem ser levadas em consideração (CUCHE, 2002, p. 196).

Nesse sentido, a identidade não existe independentemente das estratégias de afirmação dos atores sociais, sendo construída, desconstruída e reconstruída, em um movimento que segue mudanças sociais e que leva a reformulações (CUCHE, 2002, p. 197-198). Os atores sociais, no caso específico do texto homérico, remetem, a princípio, às personagens que batalham no campo da identificação e utilizam-se de tais estratégias no interior do poema. Todavia, podem também se remeter ao próprio poeta.

Os poemas homéricos apresentam problemas intransponíveis, no que diz respeito a uma datação precisa. No entanto, carregam, no interior de uma sociedade imaginária e ideal, um conjunto de elementos. O esforço que a tradição poética oral realiza para transportar esses elementos revela uma preocupação que permeia inúmeros contextos diferentes entre si e espalhados no tempo e no espaço. Contudo, tais contextos e a tradição oral que os permeia são, por sua vez, históricos. A preocupação com a exaltação de determinadas virtudes em um meio literário é de interesse para o historiador. Não se propõe aqui que a tradição se mantém estática, e sim se sugere alguma estabilidade, em grau não precisamente detectado.

Entre os elementos exaltados está o estabelecimento de identidades que se definem mutuamente: a do herói, ou mais precisamente, dos melhores homens; a da multidão e seus integrantes anônimos. É nesse sentido que o conceito de identidade é importante para a análise dos poemas homéricos. Ele fornece chaves de leitura para desvendar uma preocupação historicamente detectável no interior de um texto literário que, a princípio, não é datável. A preocupação com a distinção identitária indica um dos elementos que sugerem uma unidade para a obra, unidade essa que, diante da análise proposta, independe do estabelecimento de um período inequívoco de produção ou de fixação textual, bem como independe de um gênio criador ou fixador.

## Conclusão

No mundo do poema, em que não aparece de maneira definitiva uma divisão de classes, as fronteiras entre os personagens são estabelecidas pelas ações grandiosas. São essas ações que, em geral, recebem o foco nos poemas épicos. A conclusão que se propõe é a de que, apesar de o nascimento e a origem dos heróis serem importantes, não é isso que define o foco narrativo. O que define é a ação heroica. O esforço dos heróis se encontra na tentativa de deixarem de ser anônimos e serem dignos de terem seus feitos mencionados. O anonimato é a sina dos membros da multidão, e é função da multidão lembrar ao herói que, caso ele não se destaque, será engolido por uma massa anônima, e não será notado, nem lembrado, nem cantado. Ele precisa disso para gozar de honras recebidas da comunidade, e garantir que continue recebendo.

Mesmo que não consiga ser o melhor de todos, o herói deve tentar ao menos ser melhor do que a maior quantidade de outros guerreiros, a ponto de conseguir chamar para si o foco dado somente aos que mais se destacam. Nesse sentido, a competição no interior da sociedade homérica da *Ilíada* não se dá somente entre os grandes heróis para definir quem possui mais *status*. Ela se dá em toda a sociedade, no esforço dos personagens de estarem sempre acima da linha que separa o destacado do anônimo. Esse esforço está a todo momento presente, pois o herói que não está sendo notado, ao menos momentaneamente, faz parte da massa anônima, até conseguir voltar a se destacar.

Diante desses elementos, conclui-se que a multidão tem um papel central na *Ilíada*. Em um primeiro plano, em função de suas características próprias, ela é necessária para ambientar a trama em uma situação de guerra épica, em que muitos homens anônimos se embatem, e cada densa coletividade inimiga age em união, uma contra a outra, ou contra os grandes homens. Em um segundo plano, a presença da multidão é necessária para a definição das figuras centrais do poema: os heróis. Ela é necessária para funcionar como contraponto de fato, como oposição nos combates, e como contraponto identitário. Para a definição do grande homem, o poeta da *Ilíada* escolhe não só o covarde individualmente para servir de elemento de negação. Mais relevante do que ele é a multidão. Ela é, portanto, um dos elementos que tornam o poema épico. Ela faz isso não somente por ambientar a trama, mas por permitir a definição da identidade dos personagens que estão sob o foco central.



## Referências

### Documentação primária impressa

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. Lisboa: Cotovia, 2005.

HOMER. *Ilias*. Translation of M. L. West. Stuttgart & Leipzig: Bibliotheca Teubneriana, 1998. v. I.

HOMER. *Ilias*. Translation of M. L. West. München & Leipzig: Bibliotheca Teubneriana, 2000. v. II

### Obras de apoio

ADKINS, A. W. H. *Merit and responsibility: a study in Greek values*. Chicago: University of Chicago Press, 1975.

BARTH, F. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FERNART, J. *Teorias da etnicidade*. São Paulo Unesp, 1998, p. 187-227.

CANETTI, E. *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2002.

CUNLIFFE, R. J. *A lexicon of the Homeric dialect*. University of Oklahoma Press, 1988.

DONLAN, W. *The aristocratic ideal and selected papers*. Wauconda: Bolchazy-Carducci, 1999.

DUBAR, C. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: Edusp, 2008.

FINKELBERG, M. Patterns of Human Error in Homer. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 115, p. 15-28, 1995.

FINLEY, M. I. *The World of Odysseus*. Londres: Penguin, 1991.

HALL, S. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

OLIVEIRA, G. J. D. A Interação entre herói e multidão na *Ilíada*. *Mare nostrum: História e integração no Mediterrâneo Antigo*, v. 1, p. 57-70, 2010a.

OLIVEIRA, G. J. D. Unidade da multidão e da massa na *Ilíada*. *Alethéia*, v. 2, p. 1-17, 2010b.

OLIVEIRA, G. J. D. Aspectos formais e sensoriais da coletividade, massa e multidão na *Ilíada*. *Notícia Bibliográfica e Histórica (Puccamp)*, v. 206, p. 7-23, 2009.

- 
- RUDÉ, G. *A multidão na História: estudos dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- STAGAKIS, G. *Therapontes and hetairoi, in the Iliad, as symbols of the political structure of the Homeric State*. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, v. 15, n. 4, p. 408-419, 1966.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.